

## BORIS E DORES

*José Carlos Zamboni*

Luiz Vilela de livro novo, *Boris e Dóris* (Record, 2006, 94 páginas). Li em duas horas, enquanto esperava a fila do Bradesco.

Conto longo ou novela? Nossa tradição editorial, sem a permissão dos professores de teoria literária, conseguiu rebatizar de novela o que, na verdade, seria um conto longo, quando editado sozinho e esticado pelas artes da diagramação. A universidade chia, mas engole a espúria nomenclatura.

Particularmente, eu gosto desses contos longos alargados pela editoração, com as páginas menos pesadas de texto, lembrando livros de poesia. É uma diagramação que ressalta a arte dos bons escritos. Dizem que as edições de Machado na velha Jackson — W. M. Jackson INC., pra ser mais exato — não são muito confiáveis, mas era com grande prazer que eu lia aquelas páginas com poucas linhas, quase apalpando palavra por palavra, numa espécie de braile mental.

O novo livro do Vilela lembra um pouco a novela anterior do escritor, *Te amo sobre todas as coisas*: quase a mesma extensão, longo diálogo de casal em crise, estilo seco e perfeito. Os namorados do *Te amo sobre todas as coisas*, agora com outros nomes, estão casados; *Boris e Dóris*, de algum modo, é uma continuação da novela anterior, em que o idólatra do sexo, cansado do seu deus, agora idolatra a carreira executiva.

O enredo é tchekhovianamente discreto. Boris, sessenta anos, é empresário, está em viagem para

convenção da empresa e levou Dóris, trinta e sete anos, esposa carente e depressiva, sem filhos. Quase toda a história se passa no hotel Campestre, durante o café da manhã: é a conversa de marido e mulher, enquanto ele espera o motorista que o levará à reunião que, presumivelmente, o consagrará como presidente do grupo empresarial.

Falam sobre tudo: os negócios, a vida, a morte, a solidão, o casamento já operando em vermelho. Por trás do humor, a sugestão do que vai acontecer em breve com a esposa, que já começa a ensaiar os primeiros passos do adultério e, sobretudo, da culpa.

O livro não tem sexo explícito, nus frontais ou traseiros, sodomizações, como costumava haver em algumas obras do Vilela, nas quais o desespero humano busca na luxúria o seu único e possível analgésico. Nem uma única cena apimentada, pois nosso Boris, refém da cobiça empresarial, deixava a sua balzaquiana exposta a uma grande seca afetiva. Dóris, porém, ainda não era mulher de se jogar fora: depois de uma caminhada sozinha pelo entornos bucólicos do hotel, fazia questão de vestir camiseta decotada e short curto para mostrar ao marido que ainda estava viva. Era como estava vestida naquele café-da-manhã, pronta para um ataque que não aconteceria, pois as forças armadas do nosso capitão de indústrias estavam voltadas para outros horizontes e curvas.

Talvez a melhor metáfora para Boris não seja a do militar, mas a do monge asceta, cujo “caminho de perfeição” era a ascensão na carreira executiva. O monge Boris e a concupiscente Dóris vão certamente se dar mal no casamento, depois do ponto final da novela.

O efeito dessa escamoteação sexual é de efeito machadiano: a história, com as dores da mulher desprezada, fica imensamente mais intensa. Não há nada de feminismo no enfoque do escritor: Dóris não é a coitadinha abandonada. O leitor, ao contrário, está diante de uma mulher que só espera sexo de um homem que só pensa em outras coisas, fixado na “sétima morada” de sua ascese empresarial, e por isso ela sofre. Algum maldoso diria que Vilela, campeão das cenas picantes, estaria na menopausa literária. Prefiro dizer que *Boris e Dóris* é a obra mais desesperadamente erótica e mais madura do contista de Ituiutaba.

2007